

CONCOURS GÉNÉRAL DES LYCÉES

—

SESSION 2024

—

VERSION ET COMPOSITION EN LANGUE PORTUGAISE

(Classes de terminale voie générale et toutes séries technologiques)

Durée : 5 heures

—

L'usage de tout dictionnaire est interdit

Consignes aux candidats

- Ne pas utiliser d'encre claire
- N'utiliser ni colle, ni agrafe
- Ne joindre aucun brouillon
- Ne pas composer dans la marge
- Numéroté chaque page en bas à droite (numéro de page / nombre total de pages)
- Sur chaque copie, renseigner l'en-tête + l'identification du concours :

Concours / Examen : CGL Epreuve : Portugais Matière : PORT Session : 2024

Tournez la page S.V.P.

TEXTE

FÉRIAS

Por fim, o dia de férias chegou. E há quanto tempo eu o vinha esperando! No tampo da carteira, um pouco ao lado, para que nada o tapasse, colei um calendário de Dezembro; e todas as noites, ao último estudo, eu esporeava o tempo, cortando o número do dia seguinte, às vezes de dois dias, a ver se andava mais depressa... Mas inflexivelmente, apesar de todos os meus esforços, cada dia tinha sempre vinte e quatro horas de espera. Muitas vezes, imaginariamente, eu desdobrava os dias nas horas, nos minutos, nos segundos. E, desesperado de urgência, punha-me atento à duração de cada segundo, cada minuto, à espera de que passassem, e descobria, em suores, que os poucos dias que faltavam para as férias eram uma montanha enorme de tempo. Já a lama crespa das geadas, nos caminhos do recreio, e o manto de neblina ao longo do vale me lembravam, na garganta, o inverno da minha aldeia, a serra livre da minha infância. Até que certo dia, à hora da Leitura Espiritual, em vez de três artigos do Regulamento, um aluno de Filosofia nos leu os *Conselhos para Férias*. E uma fúria de liberdade, uma exigência sanguinolenta de fuga, queimou-me todo no peito, na língua, no estômago. Subitamente, eu pus-me a acreditar na realidade do mundo lá de fora, na realidade do tanoeiro¹, dos comboios do adeus e da distância. Ah!, foi horroroso esperar. Apesar de tudo, porém, no fundo de uma manhã negra, carregámos enfim as malas e as sacas no carro de bois — e partimos. Num instante, toda a estrada fronteira ao Seminário ficou preta de seminaristas. Desfeitas as divisões, as amizades que se falavam por baixo do Regulamento davam agora as mãos tranquilas. Foi assim que em breve o Gama se juntou a mim e ao Gaudêncio, que não seguia connosco no comboio, mas ficava na vila, onde tomaria uma camioneta. Quando transpus a porta do Seminário, apeteceu-me brutalmente largar um berro de triunfo para os confins do meu medo. [...] Mas uma força estranha vinda lá detrás, do grande casarão, de todos os pares de olhos dos prefeitos² ausentes, da minha submissão antiga, coalhou-me o desejo e a esperança de o libertar. Assim, quando passei à boca da vereda que levava ao tanoeiro, e olhei a casa e o quintal adormecido, admiti, sem surpresa, que tudo era ainda infinitamente longe. Lembro-me bem de que muitas vezes, ao passarmos perto do tanoeiro, eu duvidava da sua existência, desejava tocá-lo com as mãos para ter a certeza de que era real. [...] Mas justamente agora, que eu podia fazê-lo, nem o tentei. Uma distância intransponível separava-me do homem para sempre. Era a vigilância feroz, já anterior ao tempo, vinda lá do Seminário, mas era sobretudo a feição especial que começavam a ter para mim, como já disse, os homens, as mulheres, tudo o que era do mundo.

Ao chegarmos à vila, já a manhã se desprendia inteiramente da noite. Um frio vapor de névoa subia no silêncio para a ternura do céu. E um calor íntimo de conforto, como um bafo na face, crescia no meio de tudo isso. Espalhadas as malas e as sacas pelo chão, Gaudêncio recolheu a sua e disse-nos adeus.

— Escreve — acrescentou.

— Está bem, Gaudêncio. Eu hei-de te escrever.

Gama então tomou-me à sua guarda. E lá o segui, derreado pela saca, até a um compartimento de terceira. Mas, arrumada a bagagem e ocupados os lugares, o Gama atirou-se para o poço do seu silêncio, como se o seu ódio clamasse fadiga e esquecimento — e para lá ficou. Não o perturbei; e, abrindo um navalhão de cabo de osso, tomei logo a merenda que o Seminário me fornecera. Um fino raio de sol penetrou devagar, no alto da carruagem, como criança que olhasse do limiar de uma porta. Em torno de mim havia uma alegria, de arrumações e abraços.

¹ o tanoeiro: *le tonnelier*

² o prefeito: pessoa encarregada de vigiar os estudantes

45 E, na plataforma da estação, batido pela azáfama dos fatos pretos, Padre Tomás tinha agora uma virulência inútil como um criminoso preso. Então, suspenso da harmonia e confiança de tudo isto, sosseguei.

— Se quer a minha merenda, tem-na aí — disse enfim o Gama.

— Não quero, não, obrigado. E então você não come?

50 Gama fez um breve gesto de ombros e não respondeu. O comboio aprestava-se para a partida e as janelas tapavam-se de seminaristas. Finalmente começou o passe-palavra das gaitas e assobios até ao apito da máquina, que aos sacões lá arrancou. Então os seminaristas que partiam disseram adeus aos que ficavam, disseram adeus à estação e à lembrança de si próprios como se partissem para sempre. Sentados outra vez, lá fomos passando por Alcaria, Covilhã, Belmonte...

55 Ao longo das estações, o comboio ia largando seminaristas e mais seminaristas. Eu via-os atravessar as plataformas, carregados de bagagem, trôpegos, alvoroçados de pânico num ambiente hostil. Diziam-nos adeus de longe, brevemente, num receio tolhido de revelarem em público o nosso destino comum. Lembro-me de que na estação da Covilhã, quando três seminaristas se despediam da carruagem, um patife de ganga atroou a gare com um grito de corvos:

60 — *Quá, quá! Quá, quá!*

Um padre, que descia também, apressou o seu passo recolhido, coberto pela garnacha, e desapareceu. E os três seminaristas, vexados a sangue, abreviaram as despedidas, baixaram as cabeças e com as sacas na mão fugiram pela porta da saída. Uma súbita cólera inflamou-me como um álcool. E pensei ardentemente: “Vá chamar corvo ao seu avô.” Mas tudo ali jogava tão certo
65 — a ofensa com a sua aceitação — que não falei. Porque os homens sorriam tranquilos, um pouco tolerantes, como numa brincadeira de crianças. E os seminaristas, acabrunhados de negro, tinham o aspecto triste de vítimas, não dos homens, mas apenas de um destino.

FERREIRA, Vergílio. *Manhã Submersa*³. Bertrand Editora, 1953.

³ Este romance baseia-se em aspetos autobiográficos dos tempos de adolescência do autor no Seminário do Fundão (instituição da Igreja Católica dedicada à formação de futuros padres) onde fora enviado contra a sua vontade.

I. ÉTUDE DU TEXTE

1. Apresente o estado de espírito do narrador até ao dia da partida.
2. Em que medida o Seminário constituía um peso para o narrador?
3. Estude e comente a reação do mundo exterior relativamente aos seminaristas.
4. Descreva e analise o ambiente que se desprende deste trecho.

II. ESSAI

“E os seminaristas, acabrunhados de negro, tinham o aspecto triste de vítimas, não dos homens, mas apenas de um destino.” (linhas 66-67)

Acha que podemos alcançar uma certa felicidade quando o destino nos é imposto? Exponha a sua opinião numa composição argumentada e ilustrada com exemplos.

III. TRADUCTION

Passe para o francês o trecho de *"Quando transpus a porta do Seminário..."* (linha 20) até *"Está bem, Gaudêncio. Eu hei-de te escrever."* (linha 36).